

Vermelho e Branco

“Me desculpe senhor, mas estas são as informações que possuímos” a atendente respondeu mecanicamente, como tinha feito outras inúmeras vezes naquele dia.

O crescente burburinho deixava clara a insatisfação dos passageiros sobre o inexplicável atraso dos vôos. Ele olhou novamente para a atendente, que arqueou as sobrancelhas, cerrou os lábios e lhe olhou de volta, como se dizendo “*essa é a desculpa padrão quando não sabemos o que está acontecendo*”.

Correu os olhos rapidamente por aquele cenário, mas convenceu-se que era perda de tempo continuar ali e tentar conseguir alguma informação. Ajeitou sua mochila e, desviando com cuidado dos irritados passageiros, afastou-se do saguão de embarque, caminhando em direção ao setor de alimentação do aeroporto.

Olhou desanimado para o ruidoso emaranhado de cadeiras e mesas lotado, em sua maioria, pelos insatisfeitos viajantes. Sem conseguir encontrar algum lugar para sentar, acabou aumentando o número daqueles que também esperavam por uma vaga, encostados na grade que circulava um grande vão aberto que dava para o andar de baixo do aeroporto. Retirou a pesada mochila das costas, colocou-a no chão, entre suas pernas, e pôs-se a observar, sem muito interesse, o movimento à sua frente.

Pelo sistema de som do aeroporto, uma voz feminina avisou que um vôo, também atrasado, sairia em quinze minutos. Mesmo desapontado por não ser o seu, ele alegrou-se quando viu que algumas mesas do setor de alimentação seriam liberadas devido ao aviso. Num movimento que parecia coordenado, aqueles que também estavam escorados na grade mexeram-se rapidamente, buscando os espaços recém desocupados. Ele tentou acompanhá-los, mas os lugares livres logo foram ocupados.

Desapontado, desistiu de comer algo e começou a caminhar sem rumo pelo aeroporto. Lojas de livros, cds, souvenirs da cidade, olhava tudo, embora nada lhe despertasse algum interesse real. Parava na frente de alguma vitrine, reparava em uma ou duas coisas e seguia caminhando.

Então, destoando de todo aquele cenário desinteressante, ele a viu.

Vestia uma blusa preta, com o decote contornado por delicados bordados em forma de borboletas. Seus cabelos negros, curtos, deixando sua nuca à mostra, contrastavam com sua pele alva. Parecia tão absorvida pela pintura à sua frente que, aparentemente, sequer reparou na sua aproximação.

Inconvenientemente, o toque do celular frustrou sua intenção de aproximar-se com discrição. Retirou o aparelho do bolso o mais rápido que pode e atendeu.

“Alo?” sem graça, após um breve instante em silêncio, ele continuou “Olha, estão com um problema nos vôos, não sei que horas vou sair daqui”

Discretamente, ela desviou seu olhar do quadro para ele.

“Não, nada de previsões... Ninguém consegue informar o que está acontecendo”

Então, enquanto finalizava a ligação, seus olhares se cruzaram. Aqueles olhos castanhos claros, quase verdes, deixaram-no sem reação. Por um instante, o mundo pareceu deixar de existir.

“Problemas no vôo?”

“Ah, sim... E o pessoal da empresa ligando de dez em dez minutos” disse enquanto guardava o celular no bolso.

“Quando é algo que não depende da gente, é meio chato, né?”

“E como! E você, problemas no vôo também?”

“Sim...” respondeu com uma evidente tristeza na voz.

“Demora, mas a gente consegue sair daqui” ele sorriu, tentando animá-la.

“Sim...” ela sorriu também “Priscila” balançou a cabeça levemente na sua direção, cumprimentando-o.

“Prazer, Priscila. Fernando. E então, comprou algum quadro?” ele tentou não deixar a conversar entre eles morrer.

“Não, só olhando mesmo”

“Parece que você gostou muito desse, hein?” apontou para a pintura que ela olhava a poucos instantes atrás.

“Nossa, achei ele lindo!” seus olhos castanhos claros pareciam também sorrir agora “E você, o que achou?”

“Bom, eu tenho que confessar que não entendo muito de pinturas...”

“Nem eu, mas isso não é problema”

“Não?” perguntou interessado.

“Não, não é algo para entender...” ela virou-se novamente para o quadro, as linhas, de um vermelho muito intenso, contrastavam com a tela branca da pintura “O que você sente quando olha para ele?”

“Pra falar a verdade, não compreendo o que o pintor quis dizer com esses...” ele interrompeu sua frase, segurando o riso.

“Com esses riscos?” ela não se acanhou em rir “Não tente entender, só me diga o que você sente ao olhar para o quadro”

“Bom...” ele hesitou por uns instantes, mirando a pintura novamente “Essas linhas vermelhas... Elas me lembram sangue...”

“Continue” sorrindo, ela pediu.

“Ok... E o jeito que estão pintadas, parecem com algo lutando...”

“Movimento?”

“Sim, algo vivo, lutando, sangrando, que deixou aí suas marcas. É isso o que vejo nesse quadro”

“Uau! Eu adorei sua visão do quadro!” disse empolgada.

“Sério?” ele perguntou desconfiado.

“Sim, o que você enxerga é tão cheio de vida!”

“Tem certeza?”

“Claro!”

“Mas, luta e sangue...” disse ainda sem compreender a conexão.

“O que você vê, o que você sente, poderiam ser as marcas, os rastros, de alguém lutando por sua vida?”

“Sim”

“Se não houvesse vida, não haveria motivos pra lutar, concorda?”

Ele tirou o celular do bolso e mirou na direção do quadro, demorou alguns instantes para encontrar o ângulo mais adequado e fotografou-o.

“Pronto, agora tenho uma prova de que até eu sou capaz de admirar uma obra de arte!” levantou o celular como se fosse um troféu, rindo de si mesmo.

“Claro que pode!” ela riu também.

Olharam um para o outro e seus olhares conectaram-se como os pólos opostos de um ímã. Quando inspirou, ao invés de sentir a sensação do ar preenchendo seus pulmões e satisfazendo sua necessidade natural de oxigênio, o que ele sentiu foi uma leve tontura. Diante daqueles lindos olhos castanhos, que pareciam mais claros a cada instante, o chão pareceu lhe faltar.

Interrompendo aquele momento, o sistema de som do aeroporto soou. Emitiu os conhecidos dois toques iniciais, sendo seguidos pela informação de que um dos vôos em atraso sairia em meia hora.

Desapontado, ele ficou em silêncio, esperando que, de algum modo, aquela mensagem fosse um engano, que a voz voltasse e retificasse o que havia dito. Mas, a voz não retornou mais.

“É seu vôo, não é?” a voz dela soou triste.

“Sim” ele olhou para baixo “Tenho que ir...” levantou a cabeça e fitou novamente aqueles lindos olhos castanhos.

“Também tenho algo para resolver que não posso mais adiar... Mas, adorei te conhecer, e adorei a visão do quadro que compartilhou comigo”

Repetindo a mensagem de convocação para seu vôo, o sistema de som do aeroporto soou novamente. Mesmo sem saber se aquele breve momento que haviam compartilhado lhe daria o direito de despedir-se dela com um abraço, ele moveu-se, timidamente, em sua direção.

“Tia, tia!” o apelo começou baixo, mas logo se transformou em um grito “Alguém ajuda minha tia!” o corpo volumoso da mulher, caído no chão, não demorou a ser cercado pelos outros passageiros.

Ambos olharam assustados em direção àquela voz, voltando, em seguida, seus olhares um para o outro.

“Aquela mulher precisa de ajuda” disse, encarando-o.

Ele apenas acenou positivamente com a cabeça e saiu correndo.

“Fernando!” após alguns passos, ela gritou.

Parou e virou-se, desejando que aquela não fosse a última vez que a visse.

“No compartimento com zíper, dentro da bolsa dela!”

“Meu Deus, é o avião!” alguém gritou em meio à confusão que parecia aumentar cada vez mais.

Sem entender o que Priscila havia dito, ele continuou a correr em direção à mulher. Com dificuldade, abriu caminho em meio aos curiosos e conseguiu chegar ao centro daquela confusão. A mulher, deitada no chão, respirava com dificuldade enquanto uma menina ao seu lado repetia a todo instante que ajudassem sua tia.

“Ela não consegue respirar!” alguém disse.

“Abre espaço, gente, abre espaço!” outro sugeriu.

A mulher levava as mãos para os lados desesperadamente, como se quisesse agarrar o ar que não conseguia inspirar. Sem saber o que fazer, ele procurava algum segurança para ajudá-la, mas, no meio daquela confusão, não conseguiu encontrar ninguém. Então, num relance, a frase voltou à sua cabeça “*No compartimento com zíper, dentro da bolsa dela!*”

Deixando-se guiar mais por instinto do que pela razão, ele ajoelhou-se em frente à mulher, procurando por algo parecido com uma bolsa.

“A bolsa dela? Cadê a bolsa dela?” ele perguntava em meio ao caos.

“Tá debaixo dela!” alguém gritou.

Nervoso, ele pegou o objeto e o abriu com tanta força que parte do seu conteúdo espalhou-se em cima da mulher.

“O zíper! O zíper!” gritou pra si mesmo, enquanto suas mãos, tremendo, revistavam a bolsa.

Quando finalmente o encontrou, abriu-o de uma vez, retirando um pequeno tubo de seu interior e levando-o diretamente à boca da mulher, que agonizava à sua frente. Segurou sua cabeça e, do melhor modo que seu nervosismo permitiu, fez com que ela inalasse a maior quantidade possível do produto.

A mulher deu um grande suspiro, fechando os olhos e aquietando-se. Por um instante, ele achou que tinha sido tarde demais. Então, um leve gemido, seguido de uma frase, pôde ser ouvido.

“Minha filha...” mesmo esgotada, ela apontou o dedo pra frente “Minha filha...”

“Senhora, tente se acalmar” ainda tremendo, sem entender o que a mulher queria dizer, ele se virou para a direção que ela apontava.

As imagens do aparelho de televisão do setor de embarque do aeroporto tremiam, como se tivessem sido feitas por um helicóptero. Por um momento, a fumaça que subia da enorme estrutura tampou toda a visão, mas, assim que se dissipou, foi possível visualizar os escombros da aeronave, que se espalhavam por um imenso tapete verde de árvores.

“Minha filha!” sua voz, embargada pelo choro, soou como se seu espírito estivesse mais cansado do que seu corpo.

Tremendo e repetindo as duas palavras como se fossem um mantra, ela estendeu a mão, mostrando-lhe uma foto onde uma moça de cabelos negros, curtos, vestia uma blusa preta, com o decote contornado por delicados bordados em forma de borboletas.

Com olhos castanhos claros, quase verdes, a moça na foto sorria.